

A BRINCADEIRA COMO NORTEADORA DA PRÁTICA EDUCATIVA: A REPRESENTAÇÃO DO BRINQUEDO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Antônia Dayane Maia da Silva/UERN/BOLSISTA CAPES
dayanesilvagostosa@hotmail.com

Elenice Alves Pereira/UERN/BOLSISTA CAPES
elenicealves13@hotmail.com

Maria Maeza de Queiroz/UERN/BOLSISTA CAPES
mama.rs@hotmail.com

Zênia Regina dos Santos/UERN/PROFESSORA/DE
zeninha30@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho foi desenvolvido como atividade do componente curricular Corpo, Movimento e Ludicidade, realizado no 7º período do Curso de Pedagogia – CAMEAM/UERN, com objetivo de explicitar algumas práticas dos educadores infantis, com base nas experiências vivenciadas ao longo da formação inicial, principalmente, no Estágio Supervisionado I, no qual, pode-se constatar que, o brincar e educar estão impregnados como elementos indissociáveis, da prática infantil, porém, divergem no seu sentido conceitual, mas se aproximam por sua relação com o aprender. Assim, buscamos ainda, compreender qual a representação e o papel do brinquedo para uma prática significativa, levando em consideração os aspectos funcionais e simbólicos do mesmo, compreende-o como ferramenta lúdica e indispensável para a promoção da aprendizagem. Para tanto, utilizaremos como aporte teórico autores como (BROUGERE, 1997) (ARIÈS, 1981) (ASSIS, 2010), e dentre outros autores, que pesquisam acerca da infância e das contribuições do brincar e do educar na educação infantil. Portanto, compreendemos que a brincadeira juntamente com a representação do brinquedo surge como facilitadores para a promoção de uma prática significativa, que resgate o contexto da criança, mas que, ao mesmo tempo, insira-a no mundo das letras, da fantasia, do lúdico e do imaginário.

PALAVRAS-CHAVE: Brinquedo; Brincar; Educação Infantil

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa compreender como se dá as práticas do educador infantil, enfocando a representação do brinquedo e do brincar para o desenvolvimento da criança de modo integral. Nesse sentido, faremos um relato da experiência vivenciada em uma Creche da rede Municipal da cidade de Pau dos Ferros/RN com intuito de identificar nas práticas educativas a presença do lúdico, e de que modo, esse trabalho torna-se significativo para aprendizagem das crianças.

Assim, é importante ressaltar o papel do professor para a formação da criança enquanto cidadã, provida de direitos, assim como esta posta na Constituição Federal, o professor, por sua vez, deve encarar a sua função, como social, promotora de bem estar e convívio não só com outro, mas para si e pelo o outro.

Dessa forma, com intuito de compreender como o professor da Educação Infantil, poderá dá um novo sentido a sua prática em sala de aula, ou seja, ressignificá-la, mediante um contexto de mudanças que ora vivenciamos, é que pretendemos desenvolver o nosso trabalho e por fim, entender como o brinquedo e a brincadeira podem ser facilitadores para esse processo, considerando que, a partir dessas representações, a criança manifesta valores e condutas pertencentes a sua cultura, fato pelo qual se subsidia a sua inserção no mundo das letras, da fantasia, do simbólico e do imaginário.

Dentro dessa perspectiva, faremos nos tópicos que seguem, um relato sobre a prática na educação infantil, oportunizada pela a disciplina curricular intitulada como Estágio Supervisionado I, realizado no 5º período de pedagogia, na qual, podemos perceber a importância do lúdico e o papel do brinquedo para a promoção de atividades interativas, que além de estarem contribuindo para o desenvolvimento pessoal (enquanto sujeitos sociais) contribuem ainda para o desenvolvimento intelectual e cognitivo, já que, na educação infantil, o brincar/cuidar/educar estão intrinsecamente ligados, uma vez que, segundo Didonet (2003) não há um conteúdo educativo na creche desvinculada dos gestos de educar.

1 PERCUSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Para a análise acerca das contribuições do brincar e do brinquedo para o processo de aprendizagem das crianças, faz-se necessário, inicialmente, pensar sobre a trajetória da educação infantil, assim sendo, identificar o percurso que a mesma tem trilhado ate os dias atuais.

Historicamente, o processo da Educação Infantil sofreu transformações no âmbito moral, social e cultural e que perpassam a sala de aula. Assim sendo, por muito tempo, a criança viveu no meio da sociedade sem que houvesse qualquer tipo de escolarização, sendo tratada como assinala Ariès (1981) como um adulto em miniatura. Somente no início dos tempos modernos, reaparece a preocupação com a educação, que se instalou no seio da sociedade e a família assumiu uma função moral e espiritual, incumbindo-se de proporcionar para todos os filhos, uma preparação para a vida, em que a aprendizagem tradicional foi substituída pela escola, instrumento de disciplina severa, protegida pela justiça e pela política.

Dessa forma, as escolas, juntamente com os pais, retiraram as crianças do seio da sociedade, o que resultou num enclausuramento das mesmas, bem como, no sentimento de família e sentimento de classe, onde, os filhos da burguesia não brincavam com os mesmos jogos que as crianças, filhos da classe trabalhadora, e deste modo, tiraram a liberdade das crianças viverem no meio social, concebendo-as como um ser carente de atenção e cuidados.

Portanto, é somente no século XVIII que surge a ideia de infância como uma idade profundamente singular a ser respeitada em suas diferenças. Assim, percebemos que as noções de infância e de criança não são um fato natural, que sempre existiu, são, na verdade, produto da história das sociedades, em que o olhar sobre a criança e sua valorização na sociedade não ocorrerem sempre da mesma maneira, mas sim, de acordo com organização de cada sociedade e as estruturas econômicas e sociais em vigor.

Todavia, é importante ressaltar que a criança passa por transformações culturais que modificam o seu ser, por está inserido em uma determinada sociedade, transformações essas que também ampliam a conceituação de criança, que modificam o nosso olhar sobre esse ser, percebendo-o como produto histórico e social, que dispõe de cuidados que vão além dos cuidados biológicos, e que precisam estar ancorados as necessidades cognitivas, afetivas e sociais da criança.

Assim, pensar desta forma só foi possível a partir das mudanças ocorridas através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), nº 9394/96, compreendendo que, a criança deve ser educada de modo que atenda a tríade (cuidar-educar-brincar), possibilitando educação integral. Salientando que, por muito tempo a creche e a pré-escola não eram vistas como Instituições educativas, a creche muitas vezes era vinculada a um caráter assistencialista das camadas populares mais pobres e a pré-escola instituída como um segmento de nível escolarizante para a classe média e alta da sociedade.

Somente com a Lei 9394/96 a Educação Infantil passa a ser considerada como primeira etapa da Educação Básica, tendo como finalidade “O desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. (artigo 29, BRASIL, 1996, p. 32). Fica claro assim, que a educação infantil precisa acontecer, de forma que possibilite o desenvolvimento integral das crianças, e para isso, é necessário internalizar os conceitos da tríade (cuidar-brincar-educar) bem como desfazer o conceito de que educar é transferir conteúdo e cuidar é apenas “pastorar” as crianças.

Assim, cuidar e brincar estão também intrinsecamente ligados ao educar, é essa tríade que contribui para o desenvolvimento das capacidades infantis, para o relacionamento

interpessoal, para as manifestações de aprendizagem, para a construção de autonomia e identidade social e cultural das crianças. Sendo que, uma das formas mais eficientes para interação das crianças é o uso da brincadeira em sala de aula, pois é por meio desta que a criança se humaniza, na medida em que essa atividade lhe possibilita apropriação do uso de objetos, a relação com o meio, a oportunidade de socializar com outro, a inserção dos valores e normais. Segundo o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI):

É no ato de brincar que a criança estabelece os diferentes vínculos entre características do papel assumido, suas competências e as relações que possuem com outros papéis, tomando consciência disso e generalizando para outras situações. (BRASIL, 1998, p.28).

Assim, é através da brincadeira que a criança compreende com mais facilidade a realidade e consegue se inserir nela, sendo que, ao brincar as crianças recriam e repensam os acontecimentos que lhes deram origem, sabendo que estão brincando. No entanto, toda brincadeira deve ser mediada, e ter em sua prática, uma finalidade pedagógica.

Portanto, toda e qualquer instituição educativa, deve implementar em suas práticas, o uso de brincadeiras, considerando que esta possui em sua essência, um caráter lúdico (diversão, entretenimento, prazer, etc.) e um caráter educativo (ensina e complementa os saberes, sócio, físico e mental). Vale salientar que a escola pode contribuir de maneira significativa para o resgate do lúdico na infância, porém, sabemos que a escola é constituída de crianças heterogêneas, com culturas diferenciadas, e que por assim ser, o uso da brincadeira deve ser adequado de acordo com a faixa etária de cada criança.

Dessa forma, cabe ao professor organizar situações para que as brincadeiras ocorram de maneira diversificada para propiciar as crianças possibilidades de escolherem os temas, papéis e companheiros com quem brincar ou jogos de regras e de construção, e assim elaborarem de forma pessoal e independente suas emoções, sentimentos, conhecimentos e regras sociais.

O educador infantil, precisa ter a consciência da importância das brincadeiras, que faça a intervenção, oferecendo materiais adequados para que esta, permita o favorecimento de competências e habilidades criativas e positivas. Para isso, o professor deve conhecer as singularidades dos alunos de diferentes idades, assim como a diversidade cultural, de valores e costumes, trabalhando as diferenças e ampliando o convívio e a socialização das crianças.

É importante romper com a concepção de que a Educação Infantil possui, em sua essência, um caráter assistencialista, e que a função do professor é somente cuidar “pastorar crianças”, sendo crucial que o professor tenha sua prática pedagógica fundamentada em uma

nova concepção de criança, considerando-a como um ser social, cultural e sujeito de direitos e que por assim ser, precisa de uma educação que possibilite o seu desenvolvimento integral, fundamentado na tríade (cuidar-brincar-educar).

Portanto, é importante selecionar instrumentos de trabalhos que contribuem para o aprimoramento das ideias e conhecimentos, para tal, destacamos o brinquedo e a brincadeira como ferramentas indispensáveis nesse processo, desde que, sejam identificados como fontes de apropriação de imagens e suas representações, assim sendo, apresentando-se em uma dimensão funcional e simbólica do aprender, já que, o brinquedo é um suporte de ação, manipulação e de conduta lúdica.

2 UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA DOS EDUCADORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Mediante a experiência vivenciada na rede Municipal de ensino, no âmbito da educação infantil, discutiremos alguns aspectos analisados no decorrer desse percurso formativo, e ao mesmo tempo, avaliativo da prática pedagógica docente, envolvendo a ludicidade e brincadeira/brinquedo como instrumentos/estratégias na aprendizagem das crianças.

Com base nessa experiência, observamos na prática da professora, bem como na Instituição de modo geral, a forma como o brincar estava imbricado nas suas práticas, desprovido dos conceitos do educar, ou seja, o caráter meramente assistencialista, com finalidade apenas de entretenimento, acentuando o papel da creche como espaço apenas relativo ao cuidar e ao brincar.

No entanto, a Instituição, apesar de não apresentar ações de caráter educativo, apresentava professores que demonstravam estar preparados para assumir o papel do educar, porém, apresentavam apenas práticas redimensionadas, com atividades pouco ilustrativas (a escola não dispunha de recursos tecnológicos para fazer impressões), com brincadeira de tradição oral (envolvendo apenas a voz e o corpo). Um dos motivos que talvez possa justificar essas práticas pode ser o fato da Instituição não possuir recursos financeiros para a promoção de momentos mais interativos, proporcionando as crianças momentos lúdicos e prazerosos, o que não significa dizer que, as atividades de sala mesmo sendo limitadas não proporcionassem isso, no entanto, sabemos que feita dessa forma, ainda é considerada como limitada.

Outro motivo apontado como possível justificativa consiste na falta de brinquedos e jogos educativos para a promoção de momentos como os citados acima. Dessa forma, fica

difícil uma prática docente inovadora e significativa, já que, mesmo dispondo de um espaço amplo para o desenvolvimento de atividades diversas, não dispõe de apoio financeiro para tais atividades. Nesse sentido, como pensar na prática educativa midiaticizada pela brincadeira e o brinquedo se a Instituição não dispõe de recursos para isso? Como trabalhar o lúdico em meio a tantas dificuldades?

Assim sendo, é necessário que o professor da educação infantil compreenda a criança na sua singularidade, e respeite as etapas que contemplam a fase da infância, feito isso, é preciso ainda, identificar o contexto no qual a criança está inserida e a partir daí pensar nas atividades lúdicas a serem desenvolvidas. Porém, é bem certo que, historicamente se difundiu a ideia de que, nessa fase da vida a criança necessita apenas do brincar e do cuidar, no entanto, essas atividades devem ter um caráter intencional educativo.

Dessa maneira, percebemos no espaço observado que, as atividades lúdicas não eram desenvolvidas nessa perspectiva, eram apenas com intuito de deixar as crianças ‘brincado por mais tempo’, enquanto isso, tinham mais tempo livre dentro da sala de aula, o que, cada vez mais tem se tornado freqüente em nossa sociedade, e nas práticas docentes, é a visão de que não há necessidade das crianças pequenas (de 3 a 5) terem um acompanhamento mais sistematizado, ou seja, que comecem desde cedo o seu processo de alfabetização, deixando essa fase a mercê do cuidar e do brincar, e um brincar que, infelizmente, não atende as dimensões necessárias para um desenvolvimento significativo, já que, não possuem uma finalidade pedagógica.

Nesse sentido, acentuamos a importância do professor possuir uma formação específica para educação infantil e continuada, compreendendo os aspectos múltiplos da educação, em que, o cuidar/brincar/educar estão relacionados intrinsecamente, de modo que, contemple todas as necessidades das crianças, uma vez que, com base no observado na Instituição a preocupação consistia apenas ao que se refere aos cuidados maternos, utilizando o lúdico não de forma ampla e diversificada apenas como um resgate de tradição oral, onde cantigas e canções entoavam o que poderia se denominar de aprendizagem.

Assim sendo, percebemos ainda a falta do texto literário como ferramenta pedagógica, já que, as crianças não tinham acesso aos poucos livros presentes na Instituição, guardados na secretaria por falta de um espaço físico para os mesmos. Dessa forma, além da carência no quesito biblioteca e espaço de leitura, as professoras só optavam pelo trabalho com desenhos.

Desta forma, fica evidente que as crianças, além de não terem brinquedos disponíveis para os momentos de recreação (as brincadeiras eram sempre com terra e pneus) ainda não tinham o contato com o mundo literário, não se trabalhava com a imaginação midiaticizada pela

literatura, os contos, etc. sem promover um estado de magia e encantação, para compreensão do mundo real através da simbologia do mundo fictício da literatura.

Entretanto, além da literatura, destacamos ainda a carência que as crianças demonstravam por não terem a oportunidade de brincar com brinquedos educativos, como jogos, dinâmicas, e outros mais que fazem parte da infância de toda criança. Assim, como base na observação realizada, os únicos brinquedos que as crianças tinham acesso eram aqueles em que as mesmas traziam das suas casas, como boneca, carrinho, jogo de panela, ursos de pelúcia, etc.

Nessa perspectiva destacamos algumas considerações que (BROUGERE, 1997) acentua sobre a importância da representatividade do brinquedo na vida da criança, destacando a dimensão funcional e simbólica do mesmo, uma vez que, o autor diz ser impossível separar as duas dimensões, por que estão imbricadas entre si. Desta forma, para analisar a dimensão simbólica o referido autor decompõe o brinquedo seguindo alguns aspectos como: o aspecto material do brinquedo e sua representação.

No que se refere ao aspecto material, o autor acentua que o brinquedo só tem um significado por que ele é dotado de uma determinada forma, considerando o desenho, a cor, o aspecto tátil, o odor, o ruído ou os sons emitidos, já que, o próprio material já é significativo, por que ele oferece experiências variadas as crianças, que aliam matéria e representação.

Sendo assim, no que se refere à representação do brinquedo, o mesmo pode ser uma reprodução da realidade, mas trata-se de uma realidade selecionada, isolada e, na maior parte das vezes, adaptada e modificada até mesmo pelo tamanho e forma. Desta maneira, geralmente, na infância, os objetos são associados às crianças por meio da tradição cultural do masculino e do feminino, em que se define quais são os brinquedos que devem fazer parte da infância das meninas e dos meninos.

Nesse sentido, segundo (BROUGERE, 1997):

O brinquedo parece afastado da reprodução do mundo real constantemente evocado por ele. É um universo espelhado que, longe de reproduzir, produz, por modificação, transformações imaginárias. A criança não se encontra diante de uma reprodução fiel do mundo real, mas sim uma imagem cultural que lhe é particularmente destinada. (BROUGERE, 1997, p. 43).

Desta forma, fica evidente que manipular brinquedos representa manipular significações culturais originadas de uma determinada sociedade, ou seja, significa que o brinquedo está relacionado com a forma como a sociedade esta organizada, e como vê e objetiva o mundo.

Por assim ser, ela manifesta por meio do brinquedo, as modificações desejáveis para a reprodução do mundo, tal qual ele é idealizado, assim, a criança se encontra diante da representação que lhe é dada culturalmente através dos brinquedos, daí a importância do professor da educação infantil conhecer a realidade de cada criança, já que, cada uma trás imbricada as suas ações, a cultura dos seus pais e dos seus familiares.

Portanto, é nas relações que os brinquedos exercem sobre as crianças que estão inseridas a sua especificidade, e a necessidade de ter um contato diário com o mesmo, considerando todos os aspectos funcionais e simbólicos que ele representa, pois consideramos que o valor lúdico reforça a eficácia simbólica do brinquedo, por que introduz uma relação ativa com a criança, promovendo modificações diversas, já que a criança crie e recria situações com seus brinquedos de acordo com cada experiência vivenciada, por exemplo, a boneca Barbie pode representar para algumas crianças a riqueza, o luxo, a beleza, etc., enquanto que, a apropriação feita por outras crianças, em outros contextos, fazem da boneca Barbie a dona de casa, mãe, faxineira, empregada, etc.

Assim, fica evidenciado que a impregnação cultural passa pelo o uso das brincadeiras/do brinquedo para representar os seus significados e manifestações próprias de cada sociedade, no entanto, os brinquedos não podem ser visto apenas como impregnação simbólica, mas como processo dinâmico de inserção cultural de conteúdos, uma vez que, a representação por meio de imagens oferece a possibilidade de recriações lúdicas que vão além de imaginações do mundo real, perpassando todos os contextos e os modificado de acordo com cada cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tudo que foi relato acima, e mediante a experiência vivenciada em sala de aula, é que ressaltamos a importância de professores qualificados para o educar/cuidar/brincar, pois é bem certo, que as múltiplas facetas da educação perpassam todos os caminhos trilhados na educação infantil. Assim sendo, mais do que buscar estratégias de trabalhos inovadoras, é necessário compreender a criança na sua singularidade e contexto no qual está inserida.

Para isso, destacamos o brinquedo/brincadeira como ferramenta facilitadora para esse processo de ensino aprendizagem, bem como para interação e socialização dos indivíduos. Assim, é através das atividades lúdicas, midiaticizada também pelo o texto literário, não só pelos brinquedos, que a criança apresenta a cultura por meio de representações simbólicas do brincar, na tentativa de desvendar o desconhecido, a criança aprende a vê a realidade, o novo, de uma maneira mais diferente, mágica e ao mesmo tempo, natural.

No entanto, é necessário perceber as dificuldades enfrentadas pelas as Instituições no que se refere aos recursos financeiros e aspectos estruturais para visar um bom funcionamento de práticas educativas significativas, contendo em sua essência os elementos para uma educação ampla, integral, formadora de sujeitos críticos reflexivos.

Mediante a observação e experiência vivenciada, constatamos que falta aos professores recursos necessários para a promoção de momentos lúdicos ainda mais representativos para as crianças, e por outro lado, falta, na formação dos mesmo, a internalização e efetivação de práticas que contemplem o todo, os conceitos de educar/brincar/cuidar ainda aparecem dissociados e fragmentados, pois se restringem a situações que não abrangem as necessidades das crianças, que são elas: cognitivas, as afetivas, as biológicas, pessoais, intelectuais, etc. e sendo assim, o cuidar aparece no seu caráter assistencialista, e não como promotor de possibilidades de desempenho de habilidades.

É preciso despir-se de preconceitos e olhar a Instituição Infantil como segmento que visa à educação como um todo, não mais como uma Instituição que está para atender uma determinada classe e muito menos, que exerça um papel assistencialista, e para que se mude essa concepção é preciso, principalmente, assumir as práticas educativas, bem como o uso do cuidar, do brincar e do educar, e, sobretudo, rever conceitos sobre infância, as relações entre classes sociais, as responsabilidades da sociedade e o papel do Estado diante das crianças pequenas.

Todavia, se faz necessário aprender a conhecer a criança, observá-la, entendê-la, dá atenção a ela como pessoa que está num contínuo crescimento, e, sobretudo, interessar-se sobre o que a criança sente, pensa, o que ela sabe sobre si e sobre o mundo. É dessa forma, vendo a criança na sua totalidade, com suas singularidades e heterogeneidade, com suas diferenças culturais e sociais, implementando práticas que atendam a todas as subjetividades que se pode pensar numa prática que contribua para uma Educação Infantil de qualidade, que viabilize desenvolvimento integral da criança, que se busque junto aos pais, comunidade escolar e toda sociedade contribuições para um melhor funcionamento, que estabeleçam elos de ligações que favoreçam a aprendizagem, e que esse espaço educativo transpareça, em suas ações, o real objetivo de sua instância, que é, propiciar a criança um espaço mais do que educativo, mas também lúdico e com práticas de cuidado que possibilite o desenvolvimento das crianças em todos os seus aspectos.

REFERENCIAS:

ARIÈS. Philippe, 1994-1998. **História Social da criança e da família** / Philippe Ariès: tradução de Dora Flasksman – 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ASSIS. Muriane Sirlene Silva. Práticas de cuidado e de Educação na Instituição de Educação Infantil: O olhar dos professores. In: ANGOTTI, Maristela. (Org) **Educação infantil**: para quem para quem e por quê? 3ª ed. Campinas, SP: Alínea, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação Desporto. Secretaria de educação Fundamental. **Referencial Curricular nacional para educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.v1.

COSTA, Fátima Neves do Amaral. O cuidar e o Educar na Educação Infantil. In: ANGOTTI, Maristela. **Educação Infantil**: Para que, para quem e por quê? 3ª ed. Campinas, SP: Alínea, 2010.

MASCIOLI, Suselaine Aparecida Zaniolo. Brincar: um direito da infância e uma responsabilidade a escola. In: ANGOTTI, Maristela (Org). **Educação infantil**: para que, para quem e por quê? 3ª ed. Campinas, SP: Alínea, 2010.